

Calouros e veteraníssimos, na mesma emoção.

O primeiro voto, do útil ao ideológico.

Robert Lee estava alegre, enquanto caminhava para o Mackenzie, onde ia votar pela primeira vez na sua vida. Com 16 anos, e estudando no Caetano de Campos, Robert ia votar em Mário Covas — o candidato mais apoiado em sua escola. Além do mais, o menino tinha acompanhado, junto com seus colegas, todo o debate pela TV — e se achava bem informado. Robert Lee e sua família tinham pensado em votar em Ulysses Guimarães, mas depois mudaram todos para Mário Covas, porque acharam que Ulysses não tinha chance nenhuma mesmo. Robert acha que os governantes precisam pensar mais na educação — o que ele imagina que seja um dos pontos mais fortes do programa de Mário Covas e, também, de Leonel Brizola.

Já a garota Vanessa Manes, tem 16 anos e votou em Roberto Freire — “porque suas idéias socialistas são muito boas. O Freire, se fosse eleito presidente, daria mais dignidade ao povo” — afirmava Vanessa, em voz bem alta. Ela também contou que “era do PT, mas acho que o Freire é melhor candidato do que o Lula”.

O mato-grossense Isaac Garostiaga Camacho, nascido em Corumbá, estava de lenço vermelho no pescoço, e se esforçava tentando conseguir votos para Leonel Brizola. Ele mora em São Paulo desde o final do ano passado, estuda na terceira série do segundo grau, e dizia que estava muito emocionado, e com a esperança de um novo futuro. “Virei brizolista estudando a história de cada candidato. Brizola investiu muito na educação — e esse é o caminho para o país sair do subdesenvolvimento: educação e tecnologia.”

Quem não concordava com nada disso era Taciano Bevilacqua, também de 16 anos, e que gosta de Fernando Collor. “Ele é jovem, corajoso, combateu os marajás. Para mim, votar é muito bom e importante, porque todo mundo quer fazer alguma coisa pelo Brasil.”

Sem brincadeira

As crianças de São Paulo, ontem, não brincaram. Por todos os lados da cidade, meninos e meninas, até mesmo garotinhos de cinco, seis anos de idade, estavam nos



A petista Vanessa votou em Freire: “Ele é melhor do que Lula”.

lugares em que se votava. Para fazer campanha, coisa em que muitos deles se empenhavam, valia qualquer arma. Um menininho chamado Danilo, que mora na rua Maria Antônia, passeava com sua cadelinha Beca, ela toda enfeitada com adesivos e uma fitinha vermelha com o nome do Lula.

Outros meninos pintavam as paredes da PUC com o nome de Mário Covas — o candidato mais popular nos lados da PUC, ou do Mackenzie. Na Vila Madalena, uma menina chamada Fernanda, do Colégio Vera Cruz, de 11 anos, explicava, enquanto fazia boca-de-urna, que “o Covas era o único candidato que não era ladrão”.

Grupos de meninos desfilavam no centro de São Paulo com bicicletas enfeitadas com adesivos. A maioria de acordo com as opiniões do pai e da mãe — mas nem sempre. Bruno, filho de Caterina Kolthai, que foi candidata a vereadora pelo PT, não estava nem com o pai, que é Brizola, nem com a mãe, que é Lula. Bruno tucanou. “Porque o Mário Covas não é nem muito de direita nem de esquerda.”

Já Mariana e Catarina, de 11 anos de idade, e alunas da Escola da Vila, gritavam, na Maria Antônia, pertinho do Mackenzie, que estavam com Lula. E aproveitavam para xingar Maluf com todos os palavrões que conheciam.

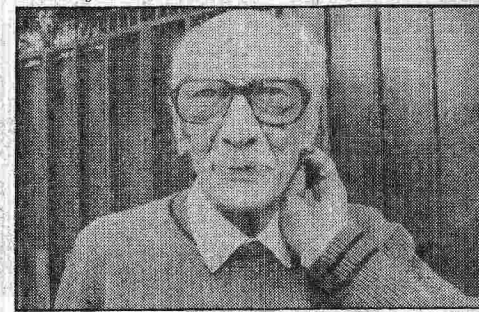
O fantasma de Jânio, marcando os mais velhos.

Velhos militantes do getulismo e ade-marismo dividiram seus votos entre os diversos candidatos à Presidência da República. E até Affonso Camargo ganhou um voto no Clube Paulistano, graças à força histórica da legenda do PTB. A juventude de Fernando Collor de Mello e a seriedade de Mário Covas foram argumentos repetidos muitas vezes por eleitores que voltaram às urnas, 29 anos depois, para escolher o novo presidente.

Um voto curioso foi o de Paulo Marzagão, 83 anos, tio do secretário especial de José Sarney, Augusto Marzagão, e ex-secretário-geral do PTB na época de Getúlio Vargas: “Votei na legenda. No PTB. Não gosto do candidato Affonso Camargo e acho que sua campanha foi péssima. Mas não abri mão de poder votar no PTB depois de 29 anos.” Marzagão considera-se bastante experiente em política. Votou em Getúlio Vargas em 1950, em Juscelino Kubitschek em 1955 e em Jânio Quadros em 1960. Os três candidatos venceram nas respectivas eleições e Marzagão é um dos raros eleitores de Jânio que não se arrepende do voto: “O Jânio explicou seus motivos e eu aceitei” — dizia ele, on-



Crianças: ativas na boca de urna.



Marzagão votou na legenda: PTB.

tem de manhã, depois de votar no Clube Paulistano.

Já Archimedes Manzo, advogado, que votou em Mário Covas, acredita que seu candidato será o adversário de Collor. Amigo pessoal de Ademar de Barros desde a época da intervenção federal em São Paulo, Manzo votou em Ademar nas eleições presidenciais de 1955 e 1960. E até hoje não se conforma com a derrota. Em 1955 Ademar ficou em terceiro, perdendo para Juscelino e Juarez Távora, o segundo colocado. “O Ademar era um grande administrador. Em 1955 ganhou até em Poços de Caldas. Mas perdeu porque o eleitorado paulista não votou em massa nele.” Manzo defende uma política econômica de recessão para o próximo presidente. “Eu votei no Mário Covas com base no que ele fez na Prefeitura de São Paulo. E acho que ele pode fazer o mesmo como presidente.”

Na escola Professora Marina Cintra, na Consolação, o ex-político Fábio Uchoa e sua mulher, Rosa Lia, votaram em Collor de Mello com um único objetivo: evitar que um candidato de esquerda como Lula ou Brizola chegue à Presidência. Uchoa, há 20 anos em São Paulo, já foi prefeito das cidades de Terra Roxa e Viradouro, na região de Barretos, e chegou a ser tão popular que em uma das eleições foi candidato único. Diz que vota também em Collor

porque ele é “moço, inteligente, vigoroso, um adversário agressivo dos demais candidatos”.

No passado, Uchoa e Rosa Lia votaram em Juarez Távora, em 1955, e em Jânio Quadros em 1960: “Até hoje não me conformo com o que fez o Jânio. Nós tínhamos tanto entusiasmo pela sua candidatura. Foi uma pena”.

Fábio Uchoa considera que a população, agora, tem condições bem melhores de se informar sobre política por causa dos meios de comunicação e do horário político obrigatório: “Se a população não tivesse bem informada, provavelmente uma palhaçada como esta da candidatura do Silvío Santos passaria”.

Nos Jardins, o advogado e empresário Manoel Costa dos Santos também se recorda de sua decepção com a renúncia de Jânio em 1961. E não confia em que o próximo presidente possa melhorar muito o País: “Do jeito que está não vai ser fácil. Só se for uma pessoa muito especial e muito capaz”. Manoel não revela seu candidato. Mas acredita que Collor será um dos finalistas. O segundo, Lula ou Brizola: “Eu nem precisei esperar o horário político para me definir. No momento em que a lista estava pronta já tinha escolhido em quem votar”.

As irmãs Mercedes Garcia e Conceição Garcia Pereira votaram respectivamente em Collor de Mello e Mário Covas, na Consolação, sem discutir entre si e com a mesma esperança: criar um Brasil novo. As duas votaram em Jânio Quadros em 1960 e nem podem mais ouvir o nome do candidato:

“Nesse nunca mais” — diz Mercedes.

As duas concordam em que Collor e Covas serão os finalistas. E repetirão seus votos. “Os dois prometeram atacar o nosso maior problema: o custo de vida”, diz Conceição.

Já o comerciante Eugênio Montin e sua mulher, Rosa, que votam na escola Miss Browne, em Perdizes, acham que é impossível inumerar os problemas do país: “É inflação, saúde, educação. Há muitas coisas erradas”. Por isso os dois escolheram o mesmo candidato, Mário Covas, como já tinham feito antes com Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros: “A campanha política foi esclarecedora. Votei em Covas certo de ter escolhido o melhor”, diz Eugênio. E conclui: “Este não renunciará”.